



Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Artes da cena com crianças e professoras em tempos pandêmicos: O que pode nos ensinar uma cadela cega?

Taís Ferreira

Para citar este artigo:

FERREIRA, Taís. Artes da cena com crianças e professoras em tempos pandêmicos: O que pode nos ensinar uma cadela cega?. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102412021e0124>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Artes da cena com crianças e professoras em tempos pandêmicos: O que pode nos ensinar uma cadela cega?

Taís Ferreira¹

Resumo

Este é um relato reflexivo-analítico sobre um projeto de extensão universitária em pedagogia das artes cênicas com crianças pequenas, suas professoras e famílias, desenvolvido ao longo da pandemia. O tema indutor foram as peripécias de uma cadela real com múltiplas deficiências, portanto, as videoperformances criadas articulam material documental às artes da cena. Os *podcasts* e o material didático escrito veiculam proposições práticas e reflexões sobre pedagogias das artes cênicas com crianças. Os produtos gerados e seu alcance evidenciam a relevância da extensão universitária em artes e educação, bem como os sentidos produzidos pelo projeto na formação inicial das licenciandas e na formação continuada de pedagogas.

Palavras-chave: Artes da cena. Crianças. Professoras. Pandemia. Extensão.

Performing arts with children and teachers in pandemic times: What can teach us a blind dog?


Abstract

This is a reflective-analytical report on a university extension project in performing arts pedagogy with children, their teachers and families, developed during the pandemic. The inducing theme was the adventures of a real female dog with multiple deficiencies, therefore, the video performances created articulate documentary material to the performing arts. Podcasts and written didactic material bring practical propositions and reflections on performing arts pedagogies with children. The products generated and their reach show the relevance of university extension in arts and education, as well as the meanings produced by the project in the initial training of undergraduates and in the continuing training of pedagogues.

Keywords: Performing arts. Children. Teachers. Pandemic. Extension.

¹ Doutora em Artes Cênicas pela Università di Bologna (IT) e pela Universidade Federal da Bahia. Mestre pelo PPGEDu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGD). Bacharel no DAD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da área Artes - Teatro do DEC - Faculdade de Educação, UFRGS. Pesquisadora, extensionista, professora de teatro, autora e mãe solo. taisferreirateatro@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/1053344699071170>

 <https://orcid.org/0000-0002-0357-7628>



Artes escénicas con niños y maestras en tiempos pandémicos: ¿Qué puede enseñarnos una perra ciega?

Resumen

Este es un relato reflexivo-analítico sobre un proyecto de extensión universitaria en pedagogía de las artes escénicas con niños pequeños, sus maestras y familias, desarrollado durante la pandemia. El tema inductor fueron las aventuras de una perra real con múltiples deficiencias, por lo tanto, las videoperformances crearon material documental articulado a las artes escénicas. Los podcasts y el material didáctico escrito transmiten propuestas prácticas y reflexiones sobre las pedagogías de las artes escénicas con los niños. Los productos generados y su alcance muestran la relevancia de la extensión universitaria en las artes y la educación, así como los significados que produce el proyecto en la formación inicial de las estudiantes universitarias y en la formación continua de los pedagogos.

Palabras-clave: Artes escénicas. Niños. Maestras. Pandemia. Extensión.



Preâmbulo contextualizador²

Pretérito imperfeito:

O que podemos quando nos é tolhido um sentido? O que desenvolvemos, compulsoriamente, ao sermos impedidos de enxergar o mundo à nossa volta? Como ressignificamos as experiências através de outros potenciais cinestésicos e sensoriais? Essas perguntas faziam parte de um projeto que articulava, desde seus primórdios pré-pandêmicos, ensino, pesquisa e extensão; artes da cena, formação de professoras e crianças.

Passado (nada) simples:

O que podemos quando nos é tolhida a possibilidade de habitar/compartilhar espaços comuns? O que desenvolvemos, compulsoriamente, ao sermos impedidos de estarmos juntos em presença? Como ressignificamos as experiências através de outras possibilidades linguísticas e relacionais? Essas perguntas passaram a fazer parte de um projeto que articulou, desde a realidade pandêmica que se apresentava então, ensino, pesquisa e extensão; artes da cena, formação de professoras e crianças.

Presente:

Cachorro, criança, teatro, dança.

Vírus, morte, vídeo, podcast.

Live. Live. Live.

Futuro:

Incógnita, devir, criança, verde.

Professoras que dançam. Desejo de performance.

Alive. Alive. Alive.

E é daí que começamos a narrar, problematizar e refletir sobre um projeto de extensão universitária que tinha como personagem articulador e indutor criativo

² Primeiramente, devemos assinalar que este projeto foi fruto do trabalho coletivo de uma equipe formada pela coordenadora e por três bolsistas de extensão: Laura Bernardes da Silva (Licenciatura Dança), Laura Viana Mallmann (Licenciatura Teatro) e Verônica Chielle Becker (Licenciatura Teatro). Contamos, nas videoperformances, com a colaboração do professor e musicista Thiago Colombo (UFPEL), compositor e executor das músicas da trilha sonora e da atriz e professora Luciana Athayde Paz (voz da Hanna).



uma cadela cega, manca e desdentada chamada Hanna e buscava dialogar, performativamente, com crianças e suas professoras: “arte e infância em contextos de epidemia e pandemia”, título de dossiê publicado, oportunamente, pelos colegas do NUPEART/UDESC (2020). Eis o eixo no qual nos propusemos a trabalhar.

Notas sobre a extensão universitária

Cumpre notar, neste espaço inicial do artigo, o lugar minorizado que as atividades extensionistas sempre tiveram nos parâmetros avaliativos acadêmicos, muitas vezes atrelados a uma visão ultrapassada da extensão universitária como assistencialismo (“a universidade dá aos necessitados aquilo que não têm” [sic]), superficialidade e improdutividade (“a extensão reproduz, ao invés de produzir” [sic]). Destarte, a extensão geraria números de atendimentos, porém não geraria conhecimento; promoveria, tão somente, uma relação (sempre verticalizada, de cima para baixo, devemos assinalar) entre os conhecimentos produzidos pela universidade e suas expertises e a comunidade (“leiga, inapta, ignorante” [sic]).

Segundo os acadêmicos extensionistas Lucci e Cardozo (2020), essa é uma problemática que acometeu toda a academia latinoamericana, não sendo relegada somente ao Brasil:

Hasta comienzos de este siglo, la extensión universitaria quedó relegada de este tipo de escrituras por ser considerada, en términos generales, una función menor, de carácter volitivo, dissociada la mayoría veces de las trayectorias curriculares y de la producción de conocimientos (Lucci e Cardozo, 2020).

Questões que poderiam fazer parte de um cabedal conceitual da primeira metade século XX, persistem, insistem e existem, com muita força, na universidade de 2021: a extensão ainda é tida como espaço de mera divulgação e assistencialismos variados e não de produção de conhecimentos, saberes e experiências legítimos. Trabalha-se agora com o imperativo da “curricularização da extensão”, numa tentativa de torná-la “organicamente integrada e útil” [Sic] às



atividades acadêmicas³.

Poderíamos, mas esse não é o intuito central deste artigo, retomar uma série de autores que trabalham com o conceito de “Cultura” (assim mesmo, com C maiúsculo, a alta Cultura letrada e intelectualizada das elites brancas) e o rompimento de paradigma que a virada linguística vai proporcionar ao nos mostrar que coexistem “culturas”: populares, tradicionais, midiáticas, locais e globais, numa miríade de possibilidades que deveria implodir a valorização da supremacia de uma “Cultura” única, branca, masculina, letrada e europeia, esta sim legitimada pela universidade.

Cumpre notar neste espaço que, paulatinamente, vemos que o que os anos 70 e os culturalistas nos mostram pode ser articulado em uma ressignificação na práxis universitária: saberes tradicionais e de grupos marginalizados e/ou minoritários (e seus sujeitos) são “permitidos” a ingressarem no sistema acadêmico. Quando uso a palavra “permitidos” entre aspas é porque legalmente essa proibição nunca existiu, mas é só quando são estabelecidas condições de possibilidade reais e concretas, a partir de novas práticas e da veiculação de discursos outros que não aqueles dominantes, que assistimos à emergência destes sujeitos e de seus saberes na universidade. São eles oriundos das populações originárias da América Latina, das populações descendentes de escravizados/as africanos, das pessoas com deficiência, das pessoas transgêneras, das mulheres, das crianças, das classes trabalhadoras, enfim, de todos aqueles que foram historicamente alijados da universidade e do horizonte de expectativas epistemológico com que as instituições, seus currículos e seus sujeitos (brancos de classe média-alta e alta em sua maioria esmagadora) operam.

Esse preâmbulo faz-se necessário já que estamos na véspera do ano de avaliação da política de ações afirmativas implementada pelo governo federal a partir do Estatuto da Igualdade Racial (Lei Federal nº 12.288, de 20/07/2010). Existem ainda leis em âmbito estadual que implementam ações afirmativas nas universidades, mas o marco federal foi definitivo para uma mudança radical do

³ Segundo o Plano Nacional de Educação, a extensão deve ser parte integrante dos currículos da graduação no ensino superior, perfazendo ao menos 10% da carga-horária dos cursos. As universidades brasileiras estão em processo de adequação curricular para este fim. A curricularização da extensão (ou integralização da extensão como créditos) foi regulamentada pelo MEC através da Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018.



panorama das IFES no Brasil. As ações afirmativas operam uma mudança radical no *ethos* da universidade brasileira, ressignificando o lugar e seus sujeitos, bem como os conhecimentos aqui produzidos, reproduzidos e legitimados.

O que tudo isso tem a ver com uma cadela, com crianças e professoras? A relação entre elas e uma recente valorização do trabalho extensionista na universidade e o lento e gradual ressignificar dos processos de troca entre sujeitos universitários (professores, estudantes, bolsistas, técnicos) e sujeitos público-alvo (comunidade em geral ou grupos específicos) como legítimos na produção de conhecimentos acadêmicos e extra-acadêmicos não verticalizados, nos quais não é a universidade a única detentora dos conhecimentos e saberes a serem compartilhados, nos propicia a escrita deste artigo mesmo. Seria impensável, há poucos anos, que uma experiência extensionista, ainda que articulada ao ensino e à pesquisa, resultasse em um artigo científico da área de artes cênicas e educação, no qual são tecidas reflexões e proposições pertinentes ao campo como conhecimento em si.

Tanto falamos em experiência como conhecimento e no saber pela experiência, mas pouco fazemos para ressignificar as próprias estruturas e epistemes às quais estamos atrelados na academia e que, por vezes, nos tolhem as mais significativas reflexões e criações. Seguimos, portanto, após essa necessária discussão introdutória, narrando, contando e pensando sobre a cadela, as professoras e as crianças.

O que pode o saber-fazer das artes da cena no cenário da casa e da sala de aula?

A pergunta que dá título a esta seção passou a fazer parte de nossas inquietações e necessidades ao longo do fatídico ano de 2020: teatros e escolas fechados, crianças sem contato com outras crianças e com suas professoras, artistas sem contato com seus pares e com os espectadores. Assim, as performances que teriam como centralidade a presença e os sentidos em presença, tornam-se outra coisa. Do mesmo modo, aquelas que seriam oficinas



voltadas para professoras, são corpo através da voz e da escrita, um corpo outro, um corpo mediado pela tecnologia. E como pensar o corpo nestas condições em que o corpo é condicionado ao espaço da casa? Podemos traçar um paralelo com o corpo da criança no espaço da sala de aula? A aula de teatro ou a aula de dança na sala de aula é diferente da aula de teatro ou dança no espaço da casa? O que de extracotidiano podemos vislumbrar no cotidiano? O poeta Ferreira Gullar (1930-2016) costumava declarar que “a poesia nasce do espanto”. É desse deslumbrar-se, é desse espanto com a efeméride cotidiana que podemos falar quando propomos uma série de “ações, atenções e percepções” em um projeto que tem como público alvo, em meio a uma pandemia, professoras, familiares e crianças pequenas e bem pequenas.

Ações: propusemos videoperformances que nos trouxessem elementos que fossem indutores, a partir da estética e linguagem abordada, e do pequeno trecho de história da heroína Hanna, a cadela cega, para proposições pedagógicas em educação e arte, em teatro, dança, performance com crianças.

Atenções: muitas das proposições estão baseadas em processos de estímulo à atenção. Observar, cheirar, tocar, olhar, escutar, de modo consciente, de modo atento. Estes “círculos de atenção” (Chekhov, 2003) são aquilo que propicia ao ator imaginar, elaborar mentalmente e criar corporalmente, corporificar. A criança em um estado já corporificado, ao ter sua atenção estimulada e cultivada, manipula materiais, objetos, situações e sujeitos na invenção de novos mundos. Brinca. Joga. Atenta, ela concentra. E essa concentração é estado de jogo, é arte da cena (ainda que espectador seja só o adulto ou o gato da casa).

Percepções: ao estar atenta, percebe. A si, ao mundo ao seu redor (pelos de gato, centopeias, areia, pedra, planta, ruído de liquidificador ligado). Ao me relacionar com esse mundo e transformar os sentidos e significados que estão dados, construindo os seus próprios, performa. Age e cria sentidos: performance da infância (Machado, 2020). Sou eu e sou outro: personagem. Que corpo é esse que se enrosca na parede? Corpo que dança e diz, que canta e faz, que conta e voa ao cavoucar.



Um pequeno diagnóstico sobre as necessidades iniciais das professoras

Ao nos depararmos com a nova conjuntura pandêmica: escolas fechadas, isolamento social, ensino remoto, resolvemos realizar um questionário diagnóstico *online*, para que professoras da educação infantil e dos anos iniciais pudessem nos dar um panorama de como vinham realizando atividades junto às crianças e de que modo poderíamos colaborar com materiais e propostas da nossa área de conhecimento, as artes da cena.

Entre as 34 respostas obtidas (da última semana de maio à primeira de junho de 2020), 80% eram professoras da rede pública e 20% da rede privada de ensino, de grandes cidades e também de pequenos municípios de diversos estados do país, ou seja, uma amostragem reduzida, porém ampla em diversidade contextual e geográfica. Boa parte delas (88,2%), quando perguntadas sobre a realização de atividades de arte-educação com as crianças no formato presencial, disse ter esse hábito.

A respeito da frequência da realização das atividades com as crianças, as respostas foram bem diversas. As professoras da rede privada tinham contato mais de três vezes na semana, através de plataformas mais específicas para aulas virtuais, enquanto as professoras da rede pública tinham esse contato, preferencialmente, por meio de grupos no *Facebook* e *WhatsApp*. As professoras relataram que o retorno das crianças às propostas se dá por meio de envio de fotos, vídeos e áudios dos alunos, enviados pelos pais. Algumas professoras relataram enviar vídeos com propostas de atividades, pelo Facebook ou WhatsApp.

Já em relação a atividades artísticas durante o período de isolamento, 80,6% das entrevistadas apontam sua realização no formato remoto. Dentre as atividades, destacam-se principalmente contação de histórias com bonecos e fantoches, músicas, confecção de brinquedos com materiais recicláveis e outras atividades manuais com colagem, modelagem, etc. Dança e teatro foram citados poucas vezes. Uma professora trouxe a dificuldade de trabalhar tais conhecimentos por escassez de recursos nas famílias, já que é docente em uma comunidade carente.



Em relação à necessidade de materiais que auxiliem e instrumentalizem a realização de atividades remotas, a grande maioria das entrevistadas apresentou interesse em receber tais materiais, sendo que a modalidade que se mostrou mais desejada foi a de “contação de histórias” (91,2% têm “total interesse”). A segunda modalidade de maior interesse foi a de “teatro de bonecos ou objetos” (79,4%), seguido de “expressão corporal” (76,5%), “teatro de sombras” (67,6%), “teatro” (52,9%), “dança” (47,1%), empatando “circo” e “performance” (ambos com 44,1% de votos em “total interesse”).

Já sobre a necessidade de materiais e ações para auxílio na formação didático-pedagógica em artes da cena e da educação, 55,9% das entrevistadas demonstrou total necessidade, 26,5% muita necessidade, 14,7% necessidade razoável e 2,9% pouca necessidade. Dentre estes materiais, o que se mostrou mais necessário, de acordo com as entrevistadas, foram os “vídeos curtos de contação de histórias” e os “materiais sobre teatro, dança e artes cênicas com crianças”. Partindo da ideia inicial do projeto e deste diagnóstico de necessidades das professoras, traçamos as ações a serem realizadas pelo Projeto Hanna ao longo de 2020 e primeiro trimestre de 2021.

Sobre o projeto e seus desdobramentos

Devido às mudanças radicais desde o início da pandemia do Covid-19 no Brasil e no mundo, e buscando atender às restrições de convívio social indicadas pela OMS e às demandas da educação infantil (doravante EI) e dos anos iniciais do ensino fundamental (doravante EF), o projeto foi reestruturado. Além de videoperformances para as crianças, mostrou-se relevante o compartilhamento, com as professoras, de ideias práticas de atividades lúdicas e ações artístico-pedagógicas que pudessem ser levadas às crianças e suas famílias, nesse momento de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Todo o trabalho foi todo executado de forma remota. A partir das demandas trazidas por essas professoras (acima apresentadas), elaboramos uma nova metodologia e novos produtos a serem gerados, a partir de sete módulos. Durante



nossos encontros (coordenadora e bolsistas), discutimos caminhos a seguir em relação às escolhas estéticas que seriam tomadas. Optamos por explorar os cinco sentidos (audição, olfato, paladar, tato, visão) como eixo condutor dos módulos e produzir um material que ao mesmo tempo que contasse a história de Hanna, estimulasse as crianças e as professoras a desenvolver atividades explorando o sentido abordado e dialogando com o material didático ofertado.

Em cada um dos módulos foram disponibilizados⁴: A) um vídeo curto (de 1 a 3 minutos de duração) contando alguma passagem da história de Hanna, a partir de elementos estéticos diferentes em cada episódio e focando no desenvolvimento sensível e na investigação pessoal e coletiva dos sentidos; B) um podcast (de 10 a 25 minutos de duração) gravado pela professora e coordenadora do projeto, comentando as proposições estéticas apresentadas no vídeo e as possibilidades de desdobramentos delas no trabalho em arte e educação com as crianças e C) material didático escrito (em formato pdf) contendo propostas de sequências didáticas, atividades e ações em artes cênicas a serem realizadas com as crianças e mediadas pelas professoras (no material escrito também constam referências adicionais e links com conteúdo de apoio, além de sugestões de leituras e audiovisual sobre as noções [Icle, 2011] abordadas).

Assim, a ideia central do projeto de extensão é alcançar tanto as crianças, através de propostas cênicas singelas e lúdicas, como propiciar às professoras material de apoio e formação continuada em pedagogias das artes cênicas com crianças. Os módulos (contendo os vídeos com os episódios da história, seu podcast e o material didático correspondente) foram lançados entre os dias 7 de agosto de 2020 e 25 de janeiro de 2021. Os canais de divulgação dos materiais disponíveis em cada módulo foram o Instagram, o Youtube⁵, o site do projeto e um grupo de WhatsApp. Todos os vídeos foram disponibilizados no Youtube em duas versões: com legendas e sem legendas.

Os módulos do Projeto Hanna são:

⁴ Todo o material pode ser acessado pelo site do projeto: <https://www.ufrgs.br/projetohanna/>

⁵ Acesso ao *Instagram* do projeto pelo @projetoanna e ao canal do *Youtube* por este endereço: <https://www.youtube.com/channel/UC3op3QowBmkeF7sKQoxyGnA>



I - Apresentação - Quem é Hanna e quem somos nós

- A) Vídeo (Quem é Hanna?)
- B) Podcast (O que é o Projeto Hanna?)
- C) Material didático (Apresentação da proposta)

II - Hanna na obra

- D) Vídeo (Hanna na obra - Audição)
- E) Podcast (Paisagem sonora, teatro de sombras e pequenos narradores)
- F) Material didático (Propostas de atividades e referências)

III - Hanna e o acidente

- G) Vídeo (Hanna e o acidente - Visão)
- H) Podcast (Teatro de objetos, observação e mimese)
- I) Material didático (Propostas de atividades e referências)

IV - Hanna reaprende a caminhar

- J) Vídeo (Hanna reaprende a caminhar - Tato)
- K) Podcast (Videodança, movimento e propriocepção corporal)
- L) Material didático (Propostas de atividades e referências)

V - Hanna enxerga com o focinho

- M) Vídeo (Hanna enxerga com o focinho - Olfato)
- N) Podcast (Experimentação espacial, corpo e imaginação)
- O) Material didático (Propostas de atividades e referências)

VI - Hanna viaja pelo mundo

- P) Vídeo (Hanna viaja pelo mundo - Paladar)
- Q) Podcast (Fantoches, os sentidos e as diferentes culturas)
- R) Material didático (Propostas de atividades e referências)

VII - Despedida - Como está Hanna hoje?

- S) Vídeo (Encerramento e Mini-documentário)
- T) Podcast (Fechamento do projeto)
- U) Material didático (Propostas de atividades e referências finais)



O primeiro módulo, intitulado “Apresentação - Quem é Hanna?” foi lançado no dia 7 de agosto de 2020. Nele, introduzimos o projeto e seus objetivos e apresentamos Hanna, através de um vídeo onde a bolsista Laura B. conversa com as e os espectadores do projeto. As relações básicas entre teatro, dança e educação de crianças (Ferreira e Falkembach, 2012) e o intuito propositivo do projeto foram apresentados no podcast inicial.

Já o segundo módulo, “Episódio 1 - Hanna na Obra”, teve a audição elencada como sentido principal de sua proposta, onde exploramos o universo das paisagens sonoras (Aragão, 2019). Através de um áudio criado coletivamente com materiais que encontramos em nossas casas ou utilizando a própria voz, o vídeo teve como cenário um condomínio em construção, onde se encontravam também vacas, quero-queros, crianças e a Hanna. Juntamente com o áudio, experimentamos o uso do teatro de sombras, mostrando na tela silhuetas dos animais e das situações que o espectador ouvia no áudio. Para isso, construímos uma caixa de teatro de sombras, usando uma caixa de papelão, papel manteiga, silhuetas de papel e uma lanterna. O material didático apresenta propostas de atividades a serem desenvolvidas com as crianças a partir de três focos: A) a audição e as paisagens sonoras, B) a invenção de histórias, cenários e personagens através das sonoridades e C) o teatro de sombras e suas possibilidades cênicas. Nestas propostas, foi elaborada uma sequência didática, que explorou o tripé de elementos (onde? quem? o quê?) componentes do jogo teatral (Spolin, 2003, 2012).

O terceiro módulo do projeto, cujo título é “Episódio 2 - Hanna e o Acidente”, teve a visão como sentido explorado. Mais uma vez, o vídeo apresentado no módulo não possuía um diálogo verbal. A partir de uma animação de brinquedos, através de uma técnica denominada *stopmotion*, onde unem-se várias fotos em sequência para criar uma simulação de movimento contínuo, apresentamos um momento tenso da história de Hanna: o dia em que ela foi atropelada e precisou operar uma pata. Neste vídeo, os brinquedos serviram como imitação do real e, por isso, as propostas didáticas foram ideias de atividades lúdicas que relacionassem o vídeo “Hanna e o acidente” ao observar e ao imitar, aguçando o sentido da visão. Neste módulo, foram destacados a importância da observação e da mimese para o refinamento da imaginação (Santos, 2002), bem como a



capacidade de interação com o outro, consigo mesmo e com o mundo das coisas ao redor, a partir do corpo-voz infantil em contato com as pequenezas prosaicas do cotidiano.

No módulo IV, “Episódio 3 - Hanna reaprende a caminhar”, desenvolvemos questões estéticas e pedagógicas ligadas à videodança, ao tato, ao movimento livre e à experimentação espacial e sensorial. A bolsista Laura B. (da Licenciatura em Dança da UFRGS) convidou seu primo Bruno (então com 9 anos, estudante do quarto ano do EF), para ser seu parceiro na criação dessa pequena obra. A ideia inicial era de que Laura compusesse uma coreografia a partir de improvisações de movimentos que remetessem tanto ao reaprender a caminhar vivenciado por Hanna depois do atropelamento que sofreu (e de uma cirurgia ortopédica complexa, de longa recuperação) quanto à necessidade de desenvolver o refinamento do sentido tátil. Assim, Laura propôs uma improvisação de movimentos em um ambiente aberto (o pátio de sua casa), relacionando-se com as diferentes materialidades e texturas ali presentes: grama, terra, pedras, muro, etc. Bruno acompanhou em duas tardes o jogo corporal de sua prima como nosso “pequeno videomaker convidado”, registrando na câmera os movimentos que mais lhe interessavam. O material didático disponibilizou jogos, dicas e referências que possibilitem o trabalho com a percepção do corpo, o movimento improvisado, o tato, o contato e as materialidades dos diferentes ambientes que nos cercam. No podcast deste módulo, exploramos mais aprofundadamente o que é a videodança (Wolff, 2013) e como esse processo de criação aconteceu e pode inspirar práticas em artes cênicas com crianças e práticas lúdicas com bebês e crianças bem pequenas (Bertoncello, 2017). Como material extra, lançamos um vídeo em que Laura e Bruno conversam e contam um pouco sobre como foi a experiência de criação colaborativa entre eles.

O quinto módulo lançado foi intitulado “Episódio 4 - Hanna Enxerga com o Focinho”: o vídeo é um híbrido que explora a imaginação a partir das memórias afetivas e olfativas: convidamos uma atriz muito experiente (Luciana Paz) para dar voz à Hanna e mesclamos algumas experiências de captura de imagens da equipe (fotos de arquivo da própria Hanna e imagens com uma câmera GoPro). O vídeo conta a história de como Hanna ficou cega, percebendo uma mancha escura que



aos poucos cresceu e se tornou escuridão total. Da mesma forma, os espectadores veem uma mancha surgir na tela, em cima de uma foto de Hanna, e espalhar-se totalmente até que a tela fique preta. Nesse momento, apenas ouvimos a voz de Hanna contando sobre como, aos poucos, ela foi percebendo que os cheiros que sentia a ajudavam a reconhecer as coisas que não podia mais enxergar. Ao fim do vídeo, surgem imagens gravadas com uma GoPro num pátio aberto, explorando uma perspectiva que sugere que estamos captando o “olhar” do focinho de Hanna.

Nossa ideia foi focar na palavra dita, narrada, contada pela atriz com as nuances de um possível dizer de Hanna, que por ser uma cachorra, não fala com palavras, mas se exprime de diversas formas com seu corpo-voz em ação. Essa concepção simples de audiovisual nos remete ao radioteatro, que foca na textualidade, na sonoridade da palavra do ator e dos efeitos de sonoplastia e na capacidade imagética do ouvinte (Spritzer, 2005) e à contação de histórias tradicional, sem o uso de grandes aparatos técnicos, baseada na performatividade do contador e de seu uso da voz dando sentidos às palavras ditas (Hartmann e Silva, 2019). Essas concepções, juntamente com a imaginação a partir das memórias sensoriais (principalmente olfativas) e afetivas das crianças, guiaram as atividades propostas no material didático (Boal, 1998).

O “Episódio 5 - Hanna Viaja Pelo Mundo”, sexto módulo do projeto, mostra Hanna como uma “popstar” representada por um fantoche de papel machê: um boneco de luva feito de cola, papel, restos de tecido e tintas. Hanna está também, neste mesmo episódio, dando uma entrevista no modelo “pingue-pongue” (perguntas diretas e respostas curtas). Ela nos conta suas diversas experiências sensoriais com alimentos de diferentes partes do mundo onde viveu: Pelotas (RS), Salvador (BA), Bolonha (IT). Rememora essas experiências e as sensações vividas em um diálogo com a entrevistadora (que só está presente na cena através de sua voz e de um microfone também de papelagem). Foi a partir das pistas do vídeo mencionadas acima que desenvolvemos uma proposta de sequência didática neste módulo do projeto: a confecção do fantoche de papel machê, sua manipulação, a criação de personagem, a interação entre diferentes personagens, a invenção de fábulas, narrativas e roteiros a partir de diálogos e situações entre



os bonecos até a criação de cenas ou esquetes coletivamente, a serem apresentados aos colegas ou ao público. Juntamente com o material didático, disponibilizamos outros dois materiais em pdf: um passo a passo para a confecção dos fantoches e um modelo de ficha de personagem. A referência acadêmica neste módulo foi a tese de Dalla Costa sobre o teatro de formas animadas na formação de pedagogas (Dalla Costa, 2018).

O sétimo e último módulo apresenta um fechamento e uma “despedida” do projeto. Para isso, propusemos um vídeo que condensa, com começo, meio e fim, a história de Hanna e nossos modos de narrá-la: uma junção de todos os vídeos produzidos durante o ano, contando a história de Hanna de forma completa⁶. Como material complementar, lançamos um minidocumentário com imagens e vídeos atuais de Hanna já envelhecida, nos dias de hoje: com dificuldades de locomoção, cega, desdentada, pelos brancos, porém alerta e contente!

Compreendemos que nesse final de projeto, o ciclo das peripécias da vida de Hanna encerrasse mostrando a sua velhice, parte da vida de quase todos aqueles seres vivos que por esta terra passarem e puderem ter a sorte de chegar até ela. O ciclo da vida: o nascer, crescer e envelhecer, bem como as questões relativas ao fato de Hanna ser um animal com deficiências (e fazer um uso apurado e diferenciado de alguns sentidos), são temas que foram transversalmente trabalhados em toda a série de episódios e de materiais didáticos que os acompanham. Conversar com as crianças sobre estes temas e deixá-las elaborar livremente questões e reflexões sobre eles é um exercício que pode ser muito profícuo. A proposta de atividade cênica para encerramento do projeto junto às crianças, para aqueles grupos ou pessoas que seguiram a sequência de vídeos e atividades, foi a de focar esse último momento nas diversas formas e modalidades de contar e recontar uma história.

⁶ Esse vídeo foi produzido como resultado final da participação do Projeto Hanna na I Jornada Infâncias Plurais, promovida no segundo semestre de 2020 pelo Instituto Alana e pelo Itaú Cultural.



As artes da cena vivas e o audiovisual no projeto

Tendo em vista que os produtos performáticos que apresentamos às crianças, famílias e professoras foram esses pequenos vídeos (videoperformances), comentaremos a seguir algumas escolhas estéticas (e percalços) provenientes do trabalho com a linguagem audiovisual, em suas relações com as artes da cena vivas (dança, performance, teatro de bonecos e de sombras, etc.).

A identidade visual do projeto foi desenvolvida com o objetivo de aproximar as crianças dos materiais produzidos. O *lettering* e ilustração foram feitos a mão e depois digitalizados, de forma que o traço fosse simples e mais próximo de um desenho que as crianças pudessem fazer. A escolha de uma única cor também foi feita para preservar a simplicidade e o reconhecimento rápido dos elementos pelas crianças, assim como associar o desenho de Hanna com seu nome: o “N” de “Hanna” é o focinho da personagem na ilustração proposta e possuem a mesma cor, o laranja. A cor remete à alegria, energia, afeto e natureza, e os traços arredondados, à leveza, descontração e jovialidade, características presentes em toda a narrativa⁷.

Se por um lado a identidade visual é totalmente lúdica, as escolhas estéticas, de edição e narrativa dos vídeos são mais maduras, pois pais e professores também são o público-alvo do projeto. A ideia é apresentar as estéticas e propor atividades para as crianças através do material didático. A edição, portanto, tem um papel fundamental para definir essa dinâmica.

Cada vídeo conta um pouco sobre a história de Hanna, desde seu encontro com seus donos, passando pelo acidente, suas mudanças e viagens e o processo de perda da visão. A edição atentou-se a desenvolver um ritmo descontraído, que despertasse curiosidade e afeição. O resultado é o desenvolvimento de empatia e intimidade com Hanna, em que as emoções, incluindo as tristes, são apresentadas

⁷ A identidade visual do projeto pode ser conhecida em: <https://www.ufrgs.br/projetohanna/>



com equilíbrio, esperança e leveza.

A vinheta de abertura apresenta fotos de Hanna recortadas e ampliadas em locais específicos de seu corpo, antes de revelar Hanna por completo. Hanna é a heroína de nossa história e essa escolha foi feita justamente para despertar curiosidade em conhecê-la, destacando-a como um segredo a ser revelado pouco a pouco para os espectadores. Ao longo dos episódios, ela rapidamente se torna não apenas heroína, mas amiga do público.

Alguns vídeos⁸ possuem um caráter mais experimental, como o episódio do programa de entrevistas. Nele foi explorado uma estética *vintage* de programas de entrevistas antigos que provavelmente as crianças não devem ter conhecimento sobre. Já os adultos rapidamente identificam as referências que foram utilizadas. É mais uma forma de apresentar conceitos e inspirações para as crianças.

O saber da experiência: relatos das bolsistas

Outra dimensão que não podemos nos furtar de citar neste artigo que revisita a experiência de um projeto de extensão universitária voltado para crianças, professoras e famílias ao longo da pandemia e que articula artes cênicas e educação, é aquela concernente à formação docente e artística de alunas das licenciaturas em teatro e dança. É relevante, portanto, levantar os aspectos de contribuição da extensão universitária na formação de novos professores e de cidadãos artistas.

As três bolsistas trabalharam ativamente na criação, execução, produção e divulgação do projeto e trazer suas vozes a este espaço de escrita reflexiva é tornar tangível, através de registro, os processos de formação docente inicial envolvidos no projeto. Se tínhamos o objetivo de colaborar com a formação continuada de pedagogas da EI e dos anos iniciais do EF desde o princípio do projeto, podemos avaliar, a posteriori, também os resultados e efeitos na construção docente das

⁸ O número de visualizações dos vídeos produzidos, nas redes sociais do projeto, até 15/06/2021 é: *Instagram*, 10 vídeos disponibilizados, com um total de 2200 visualizações e *YouTube*, 27 vídeos disponibilizados, com um total de 2701 visualizações.



licenciandas envolvidas.

Laura B., estudante da licenciatura em dança, salienta a relevância do processo colaborativo com seu primo, um menino de 9 anos, como uma descoberta. Construção de conhecimentos por vias dialógicas, processos criativos colaborativos e a abertura à escuta das crianças são ações que têm demonstrado ser altamente significativas na formação docente inicial, abrindo portas para a construção de subjetividades docentes munidas de intenções e ferramentas que possibilitem trocas efetivas no campo da arte e da educação.

Participar do Projeto Hanna em 2020 foi, ao mesmo tempo, um prazer e um desafio. [...] Durante o ano e com o desenvolvimento de nossas propostas, muitos desafios se fizeram presentes, principalmente com relação a minha pouca experiência trabalhando com produção de vídeos, somando-se ao fato de que todos os nossos materiais foram feitos sem nenhum tipo de encontro físico entre a equipe. [...] Em contrapartida, essa situação permitiu trocas bastante inesperadas e potentes, como o vídeo do Episódio 3 - Hanna Reaprende a Caminhar, onde contei com a ajuda do meu primo de 10 anos. Chegando ao fim do Projeto, sinto que fizemos um trabalho muito bem estruturado e cheio de conteúdos riquíssimos, dentro das condições que nos foram dadas no momento. [...] (Laura Bernardes, 2021)

Laura M. comenta sobre as estratégias desenvolvidas na criação, que envolveram as pessoas da casa (família) e os objetos domésticos, ressignificando-os. De certo modo, na produção mesma das videoperformances, as ideias que norteavam os materiais didáticos, relacionadas às performances infantis nos espaços, com os objetos e seres do convívio doméstico, já estavam presentes. A construção de materiais audiovisuais que dessem conta de abarcar as linguagens cênicas em suas especificidades foi possível através de trabalho coletivo, colaborativo e artesanal, características que frequentemente são componentes dos processos de criação no campo.

Acredito que o mais difícil tenha sido adaptar essa história, de maneira que ela fosse interessante para nossos espectadores (ou seja, as crianças), contemplasse atividades que as docentes pudessem realizar no ensino à distância, e ainda, produzir esse material com os recursos disponíveis em nossas casas. O fato de estar no interior, na casa de meus pais, e ter que produzir o vídeo um: Hanna na Obra e o vídeo dois: Hanna e o Acidente, fez com que minha família acabasse entrando um pouco no processo junto comigo. [...] Meus pais gostaram de conhecer a história



da Hanna e acompanharam os vídeos, assim como nosso público infantil. Isso foi uma coisa muito legal de se perceber, a história da Hanna e os materiais que produzimos para contá-la, foram recebidos muito bem, tanto pelas crianças quanto pelos adultos [...] (Laura Mallmann, 2021).

Verônica narra um envolvimento emocional com a personagem, que balizou de algum modo escolhas estéticas e técnicas na construção das visualidades presentes nos vídeos produzidos. Laura M. e Laura B. trazem em seus relatos a artesanaria que envolveu suas respectivas famílias nos sistemas de criação e produção das artes da cena, de modo doméstico e lúdico (algo que foi também indutor das atividades que propusemos às famílias e professoras das crianças: o que pode o espaço da casa? o que podem os objetos da casa? o que pode a criança na casa?). Verônica, por sua vez, levanta em sua narrativa, os afetos que atravessam aquela que poderia ser a dimensão técnica ou tecnológica do trabalho: a edição de som e vídeo.

[...] Foi um grande desafio deslocar as propostas didáticas e pedagógicas que seriam exploradas presencialmente para a linguagem audiovisual. [...] sabia que precisava desenvolver uma narrativa documental leve, que contasse a história de Hanna preservando sua doçura, carisma e trouxesse alegria e descontração para esse momento tão difícil que estávamos enfrentando. Fiquei muito emocionada editando alguns dos vídeos, senti que Hanna era como uma amiga pra mim e queria honrar sua história da melhor maneira possível. Fiz escolhas bastante intuitivas e me concentrei, especialmente, nas emoções que Hanna me provocava com sua trajetória. Queria que quem assistisse os vídeos se apaixonasse por ela tanto quanto eu e fosse inspirado por sua trajetória. Estar em contato com a Hanna, mesmo que longe fisicamente e ainda assim desenvolver tanto afeto por ela, era um objetivo a ser alcançado com o projeto nesse momento de contatos e afetos distantes: conectar-se, desenvolver carinho e aprender através dos espaços e linguagens virtuais (Verônica Becker, 2021).

Assim, depreendemos a relevância das experiências extensionistas não somente no âmbito de seus modos de endereçamento e nas vivências daqueles que receberam as ações, mas na formação destas jovens estudantes de licenciaturas, que puderam articular pedagogia das artes cênicas e criação cênica de modo ativo e significativo ao longo dos meses de isolamento pandêmico. Criam-se, destarte, novos modos de fazer, aprender e ensinar teatro, dança e



performance.

Breve encerramento

Foi em um ano atípico, de vida anômala (vida!) e também do alto do privilégio de poder cumprir um isolamento social (bolsistas e coordenadora trabalharam 100% de suas casas, o que sabemos não ser a realidade da maioria massiva dos brasileiros e brasileiras), que descobrimos novas possibilidades de produção de conteúdos didáticos e artísticos que articularam artes da cena e educação. Aprendemos novas formas de convívio e de saber-fazer em teatro, dança, performance e educação com crianças pequenas. Tivemos retornos de familiares, professoras e crianças e estamos, neste momento, na segunda edição do projeto, que foca em oficinas de teatro e dança com crianças da educação infantil de duas escolas da rede municipal conveniada de Porto Alegre e também na formação docente continuada, através do trabalho de divulgação das bolsistas junto a grupos de educadoras, estagiárias e estudantes de pedagogia.

Destarte, era uma vez uma cachorra. Era não: é, pois que viva está, ainda que cega, manca, com vitiligo, desdentada, esbranquiçada e envelhecida. Como ser vivente: está. Se infância é sinônimo de cor e movimento, de fluxo e de devir, é em cor e movimento que perdemos ao envelhecer, mas não em fluxo e tampouco em devir. Somos, estamos, seguimos, olhamos (para frente e para trás). Essa cachorra traz em si a infância, a vida adulta e a velhice e foi mote e inspiração para pensar morte e vida com as infâncias. Vida confinada, vida ao ar livre, vida solitária e vida comunal, vida escolar e vida familiar: com Hanna podemos tudo isso. Vida entre adultos e crianças. Dançando. Performando.

Referências

ARAGÃO, Thaís A. Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada?. *Revista Música Hodie*, n 19, 2019. Acesso em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/53417>



BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOFF, Fernanda Bertoncetto (org). *Pequenices - Dança, corpo e educação*. Porto Alegre, Canto: 2017. Acesso em: <https://canto.art.br/pequenices-danca-corpo-e-educacao/>

CHEKHOV, Michael. *Para o ator*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DALLA COSTA, Rossana. *O teatro de formas animadas na formação de professores: uma proposta pedagógica a partir da Ubermarionnette*. 2019. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Acesso em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183189>

FERREIRA, TAÍS e FALKEMBACH, MARIA FONSECA. *Teatro e Dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

HARTMANN, Luciana e SILVA, Sonaly. Pequenas resistências: contação de histórias, performance e protagonismo infantil na escola. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, p. 19-35, 2019. Acesso em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019019/9924>

ICLE, Gilberto. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro? *Urdimento*, – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2, n. 17, p. 71-77, 2011. Acesso em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102172011070>

IUCCI, C.; CARDOZO, L. Escrito e publicações em extensão universitária. *Revista Em Extensão*, v. 19, n. 2, p. 4-23, 30 dez. 2020. Acesso em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/56948>

MACHADO, Marina M. Espiralidades: arte, vida e presença na pequena infância. *Currículo sem Fronteiras*, v. 20, n. 2, p. 348-371, maio/ago. 2020. Acesso em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol20iss2articles/machado.pdf>

REVISTA NUPEART. Dossiê Arte e Infância em Contextos de Epidemia e Pandemia. *NUPEART*, Florianópolis, vol. 24, ano 2020. Acesso em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/issue/view/812>

SANTOS, Vera Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais - O fichário de Viola Spolin*. São Paulo, Perspectiva: 2012.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo, Perspectiva: 2003.



SPRITZER, Mirna. *O corpo tornado voz: a experiência pedagógica com a peça radiofônica*. 2019. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. (tese de doutorado) Acesso em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7234/000497109.pdf>

WOLFF, S. Corpo tecnológico: sobre as relações entre dança, tecnologia e videodança. *Revista Cena*, Porto Alegre, n. 14, 2013. Acesso em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/43214>

Recebido em: 15/06/2021

Aprovado em: 19/08/2021